

CAPÍTULO XIII

TERRITORIALIDADE, DECOLONIALIDADE E CONFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Plínio Rogenes de França Dias¹

Amanda Caline da Silva Omar²

¹Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado - João Pessoa, PB, Brasil; plinio.rfdias@professor.joaopessoa.pb.gov.br

²Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado - João Pessoa, PB, Brasil; amanda.csomar@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Introdução

Refletiremos, aqui, aspectos da poesia em diálogo com a territorialidade e as práticas decoloniais da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado na Comunidade Quilombola de Paratibe, localizada na região sul de João Pessoa, Paraíba. Nosso objetivo principal é apresentar e discutir vivências e proposições pedagógicas que emergem da interação entre o território da mata adjacente ao quilombo e as ações educativas da Escola.

A Comunidade Quilombola de Paratibe, apesar de sua rica história e forte identidade cultural, enfrenta desafios persistentes relacionados à invisibilidade, à especulação imobiliária e à ameaça constante de desterritorialização. Nesse cenário, a educação revela ferramentas potentes de resistência e afirmação. Acreditamos que a poesia, em sua capacidade de ressignificar o espaço e conectar com a ancestralidade, oferece um caminho único para fortalecer os laços comunitários e promover a conscientização sobre a importância da preservação ambiental e cultural.

Partindo da premissa de que o espaço não é apenas um local físico, mas um

tecido vivo de memórias, saberes e lutas, este trabalho explora como a "poesia na confluência dos espaços" se manifesta como uma prática transformadora. Através da análise das ações desenvolvidas pela escola em parceria com a comunidade, buscamos demonstrar como o acesso e a interação com a mata, carregada de significados ancestrais, podem se tornar um palco para a construção de uma pedagogia decolonial, capaz de curar feridas históricas e projetar futuros mais justos e equitativos. Que a arte poética, enraizada no território e na ancestralidade, é um vetor essencial para a visibilidade, a valorização e a perpetuação da identidade quilombola em um contexto urbano em constante transformação.

Poesia na confluência dos espaços

Nos últimos anos, vários agentes da Escola têm buscado compreender, relacionar e constituir práticas pedagógicas na mata vizinha à comunidade quilombola de Paratibe. Entre nós, ela é chamada de “mata do rio do padre”, embora pouco se fale da origem do nome. Trata-se de uma considerável extensão de terra, historicamente utilizada pelos quilombolas para atividades econômicas e de lazer. No entanto, a construção da rodovia PB-008 cortou os caminhos para o rio, e o despejo irregular de esgoto por novas construções tornou a qualidade da água imprópria para consumo e banho.

A grande área verde constituída de cerca de 4 a 6 quilômetros de trilhas com pouca dificuldade para percorrer a pé mostra-se, portanto, uma importantíssima fonte de recursos socioambientais e econômicos para a comunidade. A territorialidade é compreendida aqui como uma forma de integrar o espaço de maneira ampla, transcendendo a mera noção de propriedade econômica e abrangendo sua rica historicidade, cosmologias e implicações socioambientais. Nesse sentido, torna-se urgente e vital agir para a preservação desse espaço, aproveitando cada oportunidade para visibilizá-lo como parte intrínseca do quilombo. Ao realizar o estudo antropológico da comunidade de Paratibe, Ronízia Gonçalves destacou que

A comunidade de Paratibe reivindica as áreas de uso comum, que são com certeza os seus maiores bens: 1. O Mangue. Toda a extensão do mangue na

margem direita da área de rio Cuiá, vindo desde a estação da Cagepa até o mar. É do mangue que boa parte das famílias sobrevivem por meio da pesca. 2. O Rio do Padre. Toda a extensão do Rio do Padre, até a sua nascente, localizada em Mussumagro. Apesar de poluído pelos esgotos, ainda é nesse rio que algumas mulheres lavam suas roupas e crianças e jovens tomam banho. É fundamental incluir sua nascente (mesmo sabendo que ela não fazia parte do território original), pois qualquer trabalho de recuperação da mata ciliar e de limpeza do córrego não poderá deixar de fora a sua nascente. 3. A Mata da Portela. Desde os anos 40 pertence a particulares. Nestes anos todos, com vigias mais flexíveis ou mais carrascos nada impediu que a comunidade continuasse circulando dentro da mata e manejando seus recursos, principalmente a madeira (para lenha e construção de cercas). Trata-se de uma área que precisa continuar a ser preservada e manejada racionalmente pela comunidade. 4. Por fim, os herdeiros do Quilombo de Paratibe reivindicam a garantia de acesso aos seus antigos caminhos, utilizados para ir até a Barra de Gramame e até a Praia do Sol (Camurupim). Atualmente, esses caminhos estão obstruídos, ou por mato, ou por cercas, e no caso dos rios, pela poluição. A comunidade pretende garantir uma fonte de renda para suas famílias abrindo suas portas para um turismo ecológico e social, por meio de trilhas que refaçam esses antigos caminhos. (Gonçalves, 2013, p. 198)

É nesse cenário de lutas e reivindicações que a Escola assume seu papel estratégico. Uma vez que se trata do principal órgão público das cercanias e que se integra ao território do quilombo, vários/as professores/as têm buscado promover ações de ensino e pesquisa integradas àqueles espaços.

Iniciado pelas professoras Amanda Omar e Virna Lopes, esse movimento resultou em atividades como visitas constantes ao Rio do Padre para realização de ações sobre meio ambiente, contação de histórias, a produção do capítulo do livro João Pessoa Cidade da Gente¹, o curta-metragem Quilombo Encantado - A jornada de Pilar²; entre tantas outras ações realizadas por outros professores a partir dos trabalhos das docentes.

Essas práticas buscam transformar a mata em uma sala de aula a céu aberto, onde o currículo emerge da interação direta com o ambiente e com os conhecimentos ancestrais da comunidade. Para elas, dentro do processo educativo, apresentar ambientes comuns à realidade do

estudante ou trazer para o ambiente escolar pessoas e ou objetos

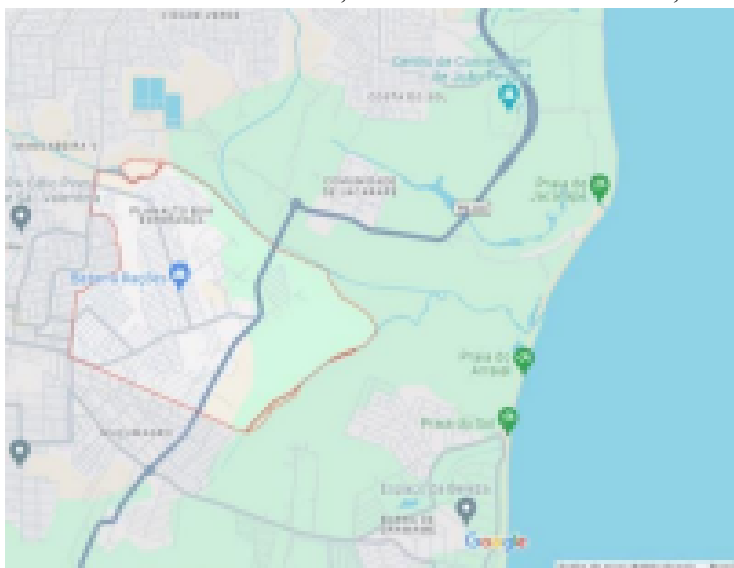
¹ Produção de lendas sobre o Rio do Padre publicadas no livro João Pessoa : A Cidade da Gente, relacionado ao patrimônio da cidade de João Pessoa com outras seis escolas da cidade. <https://acidadedagente.com.br/wp-content/uploads/2024/11/joaopessoa.pdf>.

² Produção para o MIAU - Mostra Internacional de Audiovisual, em uma oficina conduzida por Felipe Leal. <https://www.youtube.com/watch?v=pnxPfx8sqX4&t=162s>.

que estejam atrelados ao meio social da criança, como elo com sua comunidade, traz, além de aprendizado significativo, uma relação de pertencimento que [...] corroboram para o entendimento de si, na construção da identidade. (Omar; Lopes, 2018, p. 91).

Tais propostas trazem uma forte dimensão de educação popular, à medida que encruzam ação pedagógica com aplicação socioeconômica, visando à reelaboração de saberes e relações de pertencimento, condição identitária necessária à existência de toda a comunidade. Esta abordagem se torna ainda mais crucial em um contexto onde a região se configura como uma nova fronteira especulativa da cidade, atraindo cada vez mais interesses do mercado imobiliário e pressionando o território quilombola.

Figura 1: Área delimitada do bairro de Paratibe, incluindo suas áreas florestais, cortada pela PB 008



Fonte: Google Maps. Acesso em: 30 jan. 2024.

Diante dessa crescente pressão territorial e da urgência em salvaguardar o patrimônio ambiental e cultural, este trabalho propõe e detalha a concepção de um 'Roteiro de Vivência Poética' na mata da comunidade. Essa iniciativa se apresenta não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como um elemento crucial para a forma como a comunidade interage consigo mesma e com os recursos naturais à sua disposição, oferecendo uma poesia intrinsecamente integrada, consistente, potente e confluyente, longe de qualquer princípio funcionalista.

Pelo mapa acima, vê-se que o rio do padre determina um limite leste ao

território e que a área da comunidade quilombola de Paratibe, espremida pela urbanização dos bairros de Mangabeira, Valentina e Muçumagro, vê avançar agora uma nova especulação imobiliária, de ordem turística. Ao norte, grandes empreendimentos como um parque aquático desmatam e alteram o equilíbrio das cercanias da comunidade de Jacarapé, que é predominantemente uma comunidade de pescadores. Ao sul, ocupando grandes áreas dentro do bairro de Muçumagro, avançam projetos de condomínios horizontais de luxo, que tendem a sobrevalorizar áreas inteiras, obrigando populações de menor condição financeira a morarem ainda mais afastadas da cidade. Como se vê, a preservação da área verde de Paratibe consiste numa luta política que envolve todo um potencial econômico e cultural da região.

Uma contribuição potencial deste trabalho, portanto, é elaborar uma proposta de roteiro de vivência poética na mata da comunidade, fator que perpassaria a própria forma da comunidade interagir consigo mesma e com os recursos naturais que tem à sua disposição, oferecendo poesia não por qualquer princípio funcionalista, mas essencialmente integrado, consistente, potente e confluyente.

Nesse contexto, cabem histórias e casos de memória motivados por vivências da comunidade. A literatura também pode ser confluyente com tal experiência. Na foto a seguir, registra-se a experiência de contação de história com performance da professora Amanda Omar, para uma turma de quinto ano, em que a mesma adapta pela oralidade o conto Pata de macaco, de J J Williams, desta vez intitulado de História da Pele do Mico Leão Dourado, ficcionalizando personagens locais:

Figura 2: Contação de história na mata para alunos e alunas de 5º ano



Fonte: Canal no Youtube da professora Amanda Omar. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=xKNO_7bbSpg&t=195s. Acesso em: 30 out. 2023.

Figura 3: Vivência na mata do rio do padre, com o coletivo pedagógico da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado



Fonte: Arquivo pessoal.

Já a imagem acima registra uma vivência numa encruzilhada dentro da mata. Os/as participantes são do coletivo pedagógico da escola, em preparação para o jubileu de ouro. A ocasião teve caminhada guiada por uma pessoa da comunidade e orientação quanto à tradição de “pedir licença aos encantados da mata”, expressão confluyente com povos indígenas que parte do princípio de que os ancestrais, ao morrerem, se tornam encantados, e habitam os espaços onde a natureza é preservada, tornando-se protetores dela. Um tambor é tocado em cadência lenta para integrar o ritmo dos passos dos/as caminhantes que, em alguns momentos, são convidados a silenciar para ouvir sons da natureza. Nessa encruzilhada, houve uma advertência de que aquele não era um momento religioso, mas fundamentalmente místico, e que, portanto, não haveria invocação de espíritos, mas partilha de valores, saberes e práticas confluentes com a ancestralidade afro-ameríndia. Ali mesmo um poema autoral do professor Plínio foi recitado por ele:

Tuas palavras sejam sementes
De uma nova floresta-escola
Como Antônia foi semente
Do futuro de outrora

Ali também dançamos, uma ciranda que foi intitulada de ciranda de cura, pois na circularidade do movimento anti-horário, propaga-se nessa dança uma interioridade, pelo tambor ser conduzido com um toque em ritmo mais suave. Mas a potencializadora

dessa percepção de cura seria fundamentalmente a poesia cantada, vibrante na harmonia da coletividade:

Oi ê oi ê oi ê oi á oi ê oi ê oi ê oi á
Agora eu vejo meus pés como raízes
agora eu vejo os cabelos como folhagens
agora eu vejo em mim sagrada seiva
posso dar frutos com doçura e coragem
Vejo crescer em mim a consciência
do que eu sou e do que posso ser
Vejo as mulheres em minha ascendência
vejo as flores no meu alvorecer.
(Ferreira, sd, sp, *online*)

Nessa canção, o processo de metaforização do ser como uma planta (pés como raízes, cabelos como folhas, seiva circulante dentro de si, reproduzir como quem dá frutos) provoca o que Nego Bispo chama de bio-interação, posto que ele define o quilombo como território de cultura orgânica, diversal ou cosmológica, em oposição à cultura sintética do pensamento humanista: “humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza” (Santos, 2023, p. 30).

Conclusão

A partir dos relatos de experiência expostos, pudemos vivenciar processos pedagógicos intensos, posto que mobilizados pela estrutura humana da instituição escolar, mas que transcendem os limites físicos e dão ao território quilombola a primazia sobre a construção do saber. Na verdade, afirmar que a escola municipal Antônio do Socorro Silva Machado é uma escola quilombola implica em integrá-la ao território de tal maneira que cada um dos espaços contíguos a ela ganha potência pedagógica.

Cada ação dos sujeitos escolares que perpassa a mata do Rio do Padre, converte-se, então, num campo riquíssimo de ações que se contrapõem à educação tradicional, colonizadora.

Daí que se entrevê uma circunstancial “cura” decolonial, inclusive pela ciranda dançada na encruzilhada: no envolvimento que permite a percepção do “ser criatura”; como confluência de seres que aprendem e ensinam com mais igualdade; como consciência do potencial da vida que conflui com a ancestralidade.

Referências

FERREIRA, Nina. Ciranda lunar. In: LIMEIRA, Ana Regina. **No ventre da mata** (Show). [s.n.], [2023]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=8H1GYUi7XZ8>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GONÇALVES, Maria Ronizia P. **Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território Quilombola de Paratibe**. INCRA, João Pessoa 2010.

OMAR, Amanda Caline da Silva; LOPES, Virna Vasconcelos. Saberes e fazeres quilombolas: um caminho significativo para o afro-letramento. In: CANANÉA, Fernando Abath (org.). **Protagonismo pedagógico: vivências docentes emancipadoras**. João Pessoa: IMPRIM Gráfica, Editora e Imagem, 2018. 187 p.

OMAR, Amanda. **História da Pele do Mico Leão Dourado**. [S.l.]: YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xKNO_7bbSpg&t=195s. Acesso em: 30 out. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

Sobre os Autores e Autoras

Plínio Rogenes de França Dias. Doutor em Letras - PPGL/UFPB; Mestre em Letras - PPGL/UFPB; Especialista em Ensino de Língua Portuguesa - UECE; Graduado em Letras - UECE. Professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Amanda Cline da Silva Omar. Doutoranda em Educação - PPGE/UFPB; Mestra em Arte - Prof Artes/ UFPB; Graduada em Educação artística com Habilitação em Artes Cênicas - UFPE; Professora de Arte na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.